

Joseph Roth

**DIREITA
E ESQUERDA**

«Uma comédia de costumes maliciosa.»

Sunday Times



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

I

Ainda me lembro do tempo em que Paul Bernheim prometia vir a ser um génio.

Ele era neto de um comerciante de cavalos que tinha economizado uma pequena fortuna e de um banqueiro que já nada sabia poupar, mas que era favorecido pela sorte. O pai de Paul, o Senhor Felix Bernheim, passeava pelo mundo um rosto despreocupado e altivo, e tinha muitos inimigos, embora um grau normal de tolice o tivesse habilitado a ser estimado pelos seus concidadãos. A sua sorte invulgar despertava a inveja destes. Como se o destino tivesse a intenção de os levar completamente ao desespero, brindou-o, um dia, com um primeiro prémio.

Um primeiro prémio é algo que a maioria das pessoas costuma manter em segredo, como uma mácula da família. O Senhor Bernheim, porém, como se tivesse medo de que a sua sorte deixasse de ser encarada com a necessária malevolência, redobrou o seu ostensivo desdém pelos seus contemporâneos, restringiu o número de saudações, já de si pequeno, que costumava distribuir diariamente e começou a responder àqueles que o cumprimentavam com uma distração ofensiva e indiferente. Não bastando tudo isso, passou, ele que até aí só tinha desafiado as pessoas, a desafiar também a Natureza. Habitava na espaçosa casa do seu pai, não longe da cidade, à beira da grande estrada que levava à floresta de abetos. Era no meio de um velho jardim que ficava a casa, entre árvores de fruto, carvalhos e tílias, pintada de amarelo, com um íngreme telhado vermelho, e rodeada por um muro cinzento da altura de um homem.

As árvores, que estavam no limite do jardim, sobranceavam o muro e as suas copas alargavam-se por cima da estrada até ao meio. Desde tempos antigos que estavam encostados ao muro dois largos bancos verdes, nos quais os viandantes cansados podiam descansar. As andorinhas faziam o ninho na casa, na folhagem das árvores, havia chilreio ao fim das tardes de Verão... e o longo muro, as árvores e os bancos eram, na poeira quente da estrada durante o Verão, um bom e fresco consolo, e prometiam, nos ásperos dias de Inverno, pelo menos uma vizinhança humana.

Um dia, no Verão, desapareceram os bancos verdes. Ao longo do muro, e mais alto do que este, ergueu-se um andaime de madeira nu. No jardim, as árvores antigas foram abatidas. Ouvia-se como estalaram e estoiraram, as suas copas rumorejando pela última vez, ao tocarem na terra pela primeira. O muro caiu. E, através dos buracos e dos barrotes da armação de madeira, as pessoas viram o jardim dos Bernheim agora escaldado, a casa amarela exposta ao vazio escaldante, e apoderou-se delas um azedume como se se tratasse da sua casa, do seu muro e das suas árvores.

Alguns meses mais tarde, estava no lugar da antiga casa, amarela, com empena, uma nova casa, branca, radiosa, com uma varanda de pedra, que um Atlas de cal carregava aos ombros, com um telhado plano, que era suposto lembrar o Sul, com reboco à moda entre as janelas, com cabecinhas de anjos e caretas de demónios alternando abaixo da cobertura, e uma rampa, francamente pomposa, que teria sido digna de dar acesso a um tribunal da relação, a um parlamento, a uma universidade. Em vez do muro de pedra, ergueu-se uma densa rede de arame de ferro, de um cinzento esbranquiçado, munida de dentes muito aguçados contra o céu, os pássaros e os ladrões. Viam-se no jardim enfadonhos canteiros redondos e em forma de coração, relvados artificiais feitos de uma erva densa, curta, quase azul, e delgadas roseirinhas, débeis, sustentadas por estacas de madeira. No meio dos canteiros, estavam anões de barro pintado, com capuzes avermelhados, caras sorridentes, barbas brancas, enxadas, pás, martelos e regadores nas mãozinhas minúsculas, todo um povo lendário oriundo da fábrica Grützer & Companhia. Carreiros artisticamente

enlaçados enroscavam-se como serpentes por entre os canteiros, cobertos de gravilha, que já rangiam só de se olhar para eles. Nenhum banco, fosse onde fosse. E embora de qualquer maneira se estivesse no exterior, uma pessoa sentia cansaço nas pernas por contemplar aquela sumptuosidade incansável, como se tivesse andado às voltas no meio dela durante horas. Era em vão que os anões sorriam. As delgadas roseirinhas tremiam, os amores-perfeitos pareciam de porcelana pintada. E mesmo quando a longa mangueira do jardineiro pulverizava água suave, não se sentia nenhuma frescura, antes se recordava os fluidos finos e voluptuosos que o arrumador, no cinema, faz chuviscar sobre as cabeças descobertas dos espectadores. Por cima da varanda, o Senhor Bernheim mandou inscrever, em caracteres dourados, bicudos e dificilmente legíveis, as palavras «*Sans Souci*».

Em certas tardes, via-se o Senhor Bernheim a andar por entre os canteiros e, juntamente com o jardineiro, a violar a Natureza. Depois, ouvia-se o abocanhar sibilante da tesoura de poda e o estalar das pequenas sebes, que, plantadas de fresco e mal tendo começado a crescer, já travavam conhecimento com o seu regulamento de serviço. Nunca as janelas da casa estavam abertas. O mais das vezes, estavam tapadas. Em algumas noites, viam-se, através das cortinas amarelas e densas, sombras de pessoas que andavam ou estavam sentadas, os contornos e os focos luminosos de um lustre, e adivinhava-se que, na casa Bernheim, se celebrava uma festa.

As festas dos Bernheim decorriam com uma certa dignidade fria. O vinho que se bebia na casa deles não produzia o seu efeito, embora fosse de proveniência selecta. A gente bebia-o e ficava sóbria. O Senhor Bernheim convidava de preferência proprietários das cercanias, alguns cavalheiros do Exército, sempre pessoas com um toque feudal, e membros muito seleccionados da indústria e da finança. O respeito pelos seus convidados e o medo de perder a compostura impediam-no de ser alegre. Os seus convidados sentiam a inibição do seu anfitrião e permaneciam o serão inteiro tal como eram quando tinham chegado, isto é, correctos. A Senhora Bernheim não percebia gracejos com enredo e não achava as anedotas engraçadas. Além disso, era de origem judaica – e como a maioria das anedotas que circulavam entre

os seus convidados começava com as palavras: «Uma vez, um judeu ia sentado no comboio...», a Senhora Bernheim também se sentia magoada e, assim que alguém se preparava para contar uma pequena história, ela entrava num silêncio triste e embaraçado – por receio de que se pudesse vir a falar de um judeu. Falar dos seus negócios com os convidados era algo que o Senhor Bernheim tinha por impróprio. Eles, por seu turno, achavam supérfluo falar-lhe da agricultura, da tropa ou dos cavalos. Às vezes, Bertha, a única filha da casa, e um bom partido, tocava Chopin no piano com o habitual virtuosismo de uma menina de esmerada educação. Às vezes, dançava-se na casa Bernheim. Uma hora depois da meia-noite, os convidados iam para casa. Atrás das janelas, as luzes apagavam-se. Tudo dormia. Só o guarda, o cão e os anões do jardim permaneciam acordados.

Paul Bernheim deitava-se, como era habitual em casas com boas maneiras, às nove horas da noite. Partilhava o quarto com o irmão mais novo, Theodor. Paul ficava acordado muito tempo, só adormecia quando se tivesse feito silêncio em toda a casa. Era um rapaz sensível. Chamavam-lhe uma «criança nervosa» e da sua sensibilidade concluíam que era especialmente dotado.

Foi por mostrar esses dotes que ele se esforçou nos anos de juventude. Quando a sorte grande chegou aos Bernheim, Paul, então com doze anos, dispunha do intelecto de um jovem de dezoito. A rápida transformação da casa despreziosa numa mansão rica com aspirações feudais aumentou a sua ambição natural. Sabia que a riqueza e a importância social do pai podem levar o filho a uma «posição» poderosa. Imitava a altivez do seu pai. Desafiava colegas e professores. Tinha ancas moles, movimentos lentos, uma boca carnuda, vermelha, semiaberta, e dentes brancos, pequenos, uma pele com reflexos esverdeados, olhos claros e vazios, sombreados por longas pestanas muito negras, e cabelos compridos, provocantes e leves. Era descontraído, distraído e sorridente que ele estava sentado na carteira. A sua postura revelava um pensamento permanentemente desperto: «O meu pai pode comprar a escola inteira.» Os outros estavam para ali impotentes e pequenos, sujeitos à supremacia da escola. Era só ele que lhe opunha o poderio do seu pai, do seu quarto,

do seu pequeno-almoço anglo-saxónico, do *ham and eggs* com laranjas comidas à colherada, do seu professor particular, cujas explicações ele tomava todas as tardes juntamente com chocolate e biscoitos, da sua garrafeira, do seu carro, do seu jardim e dos seus anões. Cheirava a leite, a calor, a sabão, a banhos, a ginástica no domicílio, a médico de família e a criadas. Parecia que a escola e as suas tarefas apenas ocupavam uma parte insignificante do seu dia. Com um pé, ele já estava no mundo. Com o eco das suas vozes no ouvido, era como um convidado que ele estava na aula. Não era inteiramente um camarada. Por vezes, o seu pai vinha buscá-lo. De carro e uma hora antes do encerramento da escola. No dia seguinte, Paul trazia um atestado do médico de família.

Contudo, parecia, às vezes, que ele ansiava por um amigo. Mas não encontrava maneira. A sua riqueza estava sempre entre ele e os outros. «Vem hoje à tarde a minha casa quando o meu explicador lá estiver... e ele faz-nos o trabalho a ambos», conseguia ele dizer por vezes. Mas só raramente vinha um colega. Ele não deixava de acenar «o meu explicador».

Aprendia com facilidade e adivinhava muito. Lia intensivamente. O pai tinha-lhe instalado uma biblioteca. Dizia, por vezes, ainda que isso fosse supérfluo: «A biblioteca do meu filho!»; ou para a criada: «Anna, vá à biblioteca do meu filho!» – embora naquela casa não houvesse outra. Um dia, Paul tentou fazer um desenho do seu pai a partir de uma fotografia. «O meu filho tem um talento impressionante», disse o velho Bernheim, e comprou cadernos de esboços, lápis de cor, telas, pincéis e óleo, contratou um professor de desenho e começou a transformar uma parte do sótão num *atelier*.

Duas vezes por semana, à tardinha, das cinco até às sete, Paul praticava piano com a irmã. Ouvia-se os dois a tocar a quatro mãos – constantemente Tchaikovsky – quando se passava ao pé da casa. Às vezes, havia um que lhe dizia no dia seguinte: «Ouvi-te, ontem, a tocar a quatro mãos!» «Sim, com a minha irmã! Ela toca ainda muito melhor do que eu.» E todos se irritavam com essa palavrinha «ainda».

Os pais levavam-no com eles a concertos. Depois ele cantarlava melodias, enumerava obras, compositores, salas de concertos

e maestros, que gostava de imitar. Nas férias de Verão, ia de viagem pelo mundo fora com um professor privado — para não «desaprender nada». Ia para as montanhas e, através dos mares, para costas inteiramente estranhas, regressava taciturno e orgulhoso, e contentava-se com alusões presunçosas, como se pressupusesse em todos os outros o conhecimento do mundo. Tinha experiências. Tudo aquilo que lia e ouvia, já ele o tinha visto. O seu cérebro rápido criava associações úteis. Da «sua biblioteca» tirava pormenores supérfluos, com os quais deslumbrava. A sua folha com a «leitura particular» era a mais pormenorizada. A sua descontração era-lhe «desculpada». Não lançava nenhuma sombra sobre o seu «comportamento moral». Admitia-se que uma casa como a da família Bernheim oferecia uma garantia suficiente de bons costumes. Os professores renitentes, amansava-os o pai de Paul por meio de convites para um «modesto jantar». Intimidados à vista do parqué, dos quadros, do pessoal doméstico e da bonita filha, regressavam aos seus parcos alojamentos.

As raparigas não podiam de maneira nenhuma intimidar Paul Bernheim. Ele tornou-se, com o tempo, um animado dançarino, um agradável conversador, um desportista bem treinado. Com o passar dos meses e dos anos, as suas tendências e os seus talentos iam mudando. Durante meio ano, a sua paixão voltou-se para a música; durante um mês, para a esgrima; num ano, para o desenho; noutra ano, para a literatura; e, finalmente, para a jovem mulher de um juiz de comarca, cuja necessidade de rapazes novos dificilmente podia ser satisfeita naquela cidade apenas de tamanho médio. No amor por ela, reuniu todos os seus talentos e paixões. Para ela, pintou paisagens e vacas brancas; para ela, esgrimiou, compôs, escreveu canções sobre a Natureza. Por fim, ela voltou-se para um alferes, e Paul, para «a esquecer», mergulhou na história da arte. Decidiu, então, dedicar-lhe a sua vida. Passado pouco tempo, não podia ver pessoa nenhuma, rua nenhuma, pedacinho nenhum de campo sem citar um pintor famoso e um quadro conhecido. Na incapacidade de absorver alguma coisa directamente e de a designar com simplicidade, ultrapassou, logo nos seus anos de juventude, todos os historiadores de arte importantes.

Mas também essa paixão se extinguiu. Deu lugar a uma ambição social. Talvez aquela tivesse apenas conduzido a esta. Foi a ciência auxiliar de uma carreira social. Havia um certo erguer do olhar, beatificamente ingênuo, encantador e interrogativo, que Paul Bernheim podia ter copiado de determinadas imagens de santos. Metade desse olhar visava o ser humano e roçava também um pouco pelo céu. Os olhos de Paul pareciam filtrar a luz do céu através das suas longas pestanas.

Munido de tais encantos, com um gosto formado na arte e nos seus comentários, ele precipitou-se na vida social da cidade, que, no essencial, consistia nos esforços das mães para casarem as suas filhas juvenis. Em todas as casas onde viviam raparigas, Paul era visto com agrado. Era capaz de entoar todos os sons que fossem requeridos no momento. Assemelhava-se a um músico que domina todos os instrumentos da orquestra e que sabe, com graça, tocar desafinado. Durante uma hora, podia dizer coisas sensatas (inventadas e seleccionadas). Uma hora mais tarde, mostrava um caloroso e sorridente entusiasmo pela conversa, contava pela décima vez uma anedota insípida, ornando-a constantemente com um novo traço, acariciava com a língua um banal aforismo, guardava-o ainda um bocado entre os dentes, saboreava-o ainda com os lábios, apresentava, com leviana consciência, gracejos que tinham ficado bem a outros e gozava sem vergonha de pessoas da mesma idade que estivessem ausentes. E as moças davam risadinhas, uns risinhos nus, elas só punham os dentes a descoberto, mas era como se desnudassem os seus jovens seios, apenas batiam as palmas, mas era como se afastassem as pernas, mostravam-lhe livros, ilustrações e cadernos de apontamentos, mas era como se abrissem as suas camas, compunham o cabelo, mas era como se o soltassem. Por esse tempo, Paul começou a ir ao bordel, duas vezes por semana, com a regularidade de um funcionário a envelhecer, para depois falar da preciosidade de corpos femininos inventados, que, naturalmente, ele comparava com quadros famosos. Relatava segredos desta e daquela futura dona de casa e descrevia seios que pretendia ter visto e tocado.

Continuou a pintar, desenhar, compor música e escrever poesia. Quando a sua irmã ficou noiva – de um capitão de cavalaria, aliás –,

ele fez uma poesia de circunstância mais longa, musicou-a, tocou-a e cantou-a. Mais tarde – porque o seu cunhado se interessava por máquinas –, Paul começou também a interessar-se pela técnica e a desmontar com as suas próprias mãos o motor do seu carro, que foi um dos primeiros na cidade. Por fim, teve aulas de equitação, para acompanhar o cunhado na alameda para cavaleiros no bosquezinho dos abetos. Os habitantes da cidade começaram a ficar mais indulgentes para com o velho Senhor Bernheim, visto que ele conseguira oferecer um génio à terra natal. Mais do que um dos inimigos de Bernheim, que durante muito tempo se tinham sentido ofendidos, começaram outra vez a cumprimentar submissamente Felix Bernheim, visto que, entretanto, crescera na sua família uma filha casadoira.

Por esse tempo, espalhou-se o boato de que estava iminente a atribuição de uma grande distinção ao Senhor Bernheim. Alguns falavam da concessão de um título de nobreza. Era elucidativo observar como essa perspectiva da nobreza de Bernheim acalmava a malevolência dos seus adversários. A futura nobreza de Bernheim aparecia como uma explicação suficiente para a arrogância do burguês. Conhecia-se, doravante, o fundamento científico do seu orgulho e, portanto, achava-se que estava justificado. Pois, na opinião da cidade, a arrogância era o ornamento do nobre, do enobrecido e até daquele que em breve haveria de ser enobrecido.

Desconhece-se que fundamentos tinha realmente esse rumor. Talvez o Senhor Bernheim tivesse vindo a ser tão-somente um conselheiro comercial privado. Mas, então, deu-se algo inesperado, inverosímil. Uma história tão banal que uma pessoa até se envergonharia de a contar, por exemplo, num romance.

Um dia, chegou à cidade um circo itinerante. Durante o décimo ou décimo primeiro espectáculo ocorreu um acidente: uma jovem acrobata caiu do trapézio, precisamente para dentro do camarote onde estava sentado o Senhor Felix Bernheim – sozinho (pois a sua família considerava as exibições de circo espectáculos ordinários). Contou-se, mais tarde, que o Senhor Bernheim tinha apanhado a artista nos braços «com presença de espírito». Mas isso não se pode comprovar exactamente... tão-pouco ainda é possível verificar aquele boato,

segundo o qual ele se teria interessado pela moça desde o primeiro espectáculo e lhe teria mandado flores. O certo é que a levou ao hospital, a visitou e já não a deixou partir com o circo. Alugou-lhe uma habitação e teve a coragem de se apaixonar por ela. Ele, o orgulho da burguesia, o aspirante à nobreza, o sogro de um capitão de cavalaria, apaixonou-se por uma acrobata. A Senhora Bernheim explicou ao marido: «Podes trazer a tua amante para casa, eu vou para casa da minha irmã.» E foi para casa da irmã. O capitão de cavalaria pediu transferência para outra guarnição. A casa dos Bernheim já só estava habitada pelos dois filhos e pelos criados. As cortinas amarelas estiveram corridas durante meses diante das janelas. O velho Bernheim, contudo, não alterou o seu comportamento. Continuava arrogante, desafiava o mundo inteiro, amava uma rapariga. Da sua distinção nunca mais se falou.

Era, talvez, o único acto corajoso que Felix Bernheim ousara na sua vida. Mais tarde, quando o seu filho Paul teria podido atrever-se a um gesto semelhante, eu pensei no do pai e mais uma vez, mediante um exemplo, se me tornou patente como a valentia se esgota de geração em geração e a que ponto os filhos são mais fracos do que eram os pais.

A jovem forasteira só viveu uns quantos meses na cidade. Como se tivesse caído do céu apenas com a finalidade de ainda aliciar Felix Bernheim, nos últimos anos da sua vida, para uma acção corajosa, de ainda lhe oferecer um fugaz vislumbre de beleza e consumir a sua autêntica ascensão a uma nobreza natural. Um dia, a rapariga desapareceu. Talvez — se quisermos dar um desfecho romanesco a essa história romanesca — o circo tivesse voltado à região e a moça já ansiasse pelo seu trapézio. Pois até a acrobacia pode ser uma vocação.

A Senhora Bernheim regressou. A casa animou-se moderadamente. Paul, que a aventura do seu pai tinha entristecido, porque a esperada distinção não viera e porque o capitão de cavalaria desaparecera, recompôs-se, mais tarde, rapidamente e até se alegrou com o facto de «o seu velho, afinal, ser um tipo a sério».

De resto, estava a preparar-se para partir.

Em breve, teria a possibilidade de começar uma vida nova.

II

Passou com distinção – como seria de prever – o exame final do ensino secundário. Daí em diante, usou fatos novos. A antiga roupa de aluno de escola parecia-lhe pouco saudável, como vestes usadas por alguém durante uma longa doença epidémica. Os fatos novos eram fofos, claros, de uma cor indefinida, macios e penugentos, leves e quentes. Os tecidos vinham de Inglaterra, o país para onde Paul Bernheim queria ir.

Nenhum dos outros jovens ia para Inglaterra. Um único, que manifestou a vaga intenção de aprender «francês perfeito» em Paris, pareceu suspeito aos outros. Mas o velho Bernheim tinha, uma vez, dito em sociedade: «O meu filho, mando-o eu para o mundo, assim que ele tiver acabado o liceu!» E o mundo era, para um certo meio de burgueses sofisticados, a Inglaterra.

Esses senhores já há alguns anos que mandavam vir os seus fatos de Inglaterra, eram membros de associações navais, elogiavam a política britânica e a constituição britânica, encontravam o rei Eduardo VII com frequência e, como que por acaso, no passeio público de Marienbad faziam negócios com ingleses, bebiam *whisky* e *grog*s, embora lhes soubesse bem a cerveja *Pilsner*, associavam-se em clubes, embora preferissem encontrar-se no café, simulavam taciturnidade, embora fossem loquazes por natureza, tornavam-se coleccionadores de diversos objectos inúteis, porque se convenciam de que um homem bem-nascido tinha de ter um *spleen*, praticavam ginástica nas horas da manhã, passavam o Verão no litoral e nos mares, para adquirirem uma pele avermelhada pelo ar salgado e pelo vento, e contavam maravilhas do

nevoeiro londrino, da Bolsa de Londres e dos policiais londrinos. Alguns iam ao ponto de dizer «*well*» em vez de «sim» e de assinar jornais ingleses, que chegavam demasiado tarde para que ainda se pudesse ficar a saber por eles algumas novidades. Mas os assinantes não tomavam provisoriamente conhecimento de acontecimentos que ainda não tivessem lido em inglês. «Esperemos!», diziam eles, quando acontecia alguma coisa, «Amanhã, vem o jornal». Os seus filhos aprendiam a falar inglês como alemão. E, durante uns tempos, parecia que uma pequena nação anglo-saxónica estava a crescer no meio da cidade, para, quando fosse oportuno, se fazer incorporar voluntariamente no Império Britânico. Naquela cidade, que tinha um carácter inteiramente continental e onde nunca se podia discernir vestígios de nevoeiro, as pessoas tinham de comer, beber e andar vestidas como na costa de Inglaterra rodeada de mares rumorejantes.

Paul usou os seus fatos ingleses por umas semanas e imediatamente declarou que queria permanecer em Inglaterra alguns anos. E, talvez com receio de que se pudesse facilmente subestimar o valor de uns estudos e de uma vida em Inglaterra, explicou: «As condições para se entrar num *college* inglês não são de modo nenhum tão fáceis como se imagina. Um estrangeiro tem mesmo de ser recomendado por dois ingleses de elevada posição, senão não tem nenhuma hipótese! E, acima de tudo, uma pessoa tem de ser capaz de se portar irrepreensivelmente, o que entre nós, infelizmente, é tão raro! Eu vou para Oxford! Na semana que vem, vou treinar a natação.»

Dava a impressão de que tencionava alcançar o *college* a nado.

Uma vez que, segundo a concepção que ele tinha dos Ingleses, com a história da arte pouco se podia conseguir entre eles e que eles tinham uma suposta predisposição prática, decidiu estudar ciências políticas, história e jurisprudência. Dos quadros e dos pintores já nem se falava. Sem que se desse por isso, estavam na sua biblioteca todas as obras científicas de que ele precisava. Pelos prospectos, já sabia como as coisas se passavam em Oxford. Contava histórias de Oxford como se tivesse vindo de lá e não estivesse apenas a ponto de ir para lá. Mas mais estranho ainda do que falar dos *colleges* com a autoridade de um conhecedor de longa data era o interesse e a credulidade

das pessoas que lhe faziam perguntas. E não era só ele que falava dos estudos em Oxford, mas também o pai. E todos os membros do clube a que pertencia o velho Bernheim citavam em casa o horário de Oxford. E as raparigas casadoiras contavam umas às outras: «Paul vai para Oxford!» Diziam «Paul», tal como toda uma camada da burguesia lhe chamava. Ele era o seu favorito. É destino dos homens com encanto serem chamados pelo nome próprio por pessoas desconhecidas.

Paul partiu para Oxford num belo dia de Junho, acompanhado até ao comboio por algumas jovens senhoras. Os seus pais já tinham deixado a cidade uma semana antes; tinham partido para as férias de Verão, pois a mãe de Paul declarara: «Não quero ficar para trás, se o Paul vai para longe de nós por tanto tempo! Se eu estiver em viagem, assim parecer-me-á mais fácil.» Paul vestia um dos seus fatos de cor indefinida, segurava um cachimbo curto no canto esquerdo da boca e estava de pé, qual figura saída de uma revista de moda, à janela do compartimento. Enquanto o comboio rolava para fora da estação, atirou com uma habilidade digna de admiração uma rosa a cada uma das três raparigas mais bonitas. Só uma caiu ao chão. A rapariga curvou-se e, quando tornou a levantar o olhar, já Paul estava fora do seu campo de visão. Ele tinha-se ido embora definitivamente, e a cidade, naquele sossegado entardecer de Verão, parecia sentir isso. Estava triste.

Com certos intervalos, chegava a um e a outro uma carta de Paul Bernheim. Eram cartas padrão. Cartas de um *gentleman*. Em papel dobrado três vezes, que lembrava documentos em pergaminho, e em cuja margem superior esquerda brilhava em caracteres imponentes, com uma tonalidade azulada escura, o monograma de Paul, marchavam as largas letras romanas, um pouco mimadas, um pouco esticadas, a grandes distâncias e com largas margens. O remetente nunca se referia no sobrescrito. Aproximadamente no meio do envelope, erguia-se sobre o lacre azulado escuro o monograma, um P engenhosamente inserido na barriga do B como um fruto no corpo materno. Nessas cartas reinava, na maioria das vezes, um tom convencional muito geral. Termos técnicos do domínio dos desportos, designações chocantemente estranhas para barcos à vela e a remos alternavam

com nomes de família distintos, e nomes próprios breves, monossilábicos, dos camaradas, Bob, Tedd e Pitt, estavam espalhados nos textos como se fossem estalinhos.

Um dia, ele fez-se incorporar no Exército por um médico do consulado em Londres. Teve direito a alguns anos de adiamento. Evidentemente, foi colocado na cavalaria.

A sua admissão na classe militar, comunicou-a ele do seguinte modo: «Por conseguinte, meu caro, agora está feito! Cavalaria, Dragões, espero eu. Telegrafei logo ao velho. Dois anos de adiamento. Até lá, cavalgo num autêntico faroeste. Comprei aqui um cavalo, baptizei-o *Kentucky*, lambe-me a cara, tem carácter como um gato. O médico foi magnífico, era também o sujeito mais catita lá em cima, uma obra de arte, os outros meros empregados de comércio, um único operário. Miserável raça. Apesar disso, aceites. Como se houvesse guerra. Depois fiquei dois dias em Londres, andei pelos recantos mais obscuros. Tornei a ver mulheres, após a longa moral conventual do *college*. Pensei no catequista, sempre era um homem excelente. Ainda é vivo? Portanto, meu velho, mais um ano, depois estou duas semanas em casa. Tenho de sair rapidamente, exercitar-me para a semana que vem. Medonho! Torneio de esgrima com bola logo a seguir. Quase desaprendi por completo a dança, tenho de me meter nisso de novo. Bem vê, várias coisas para fazer. Boa sorte e saúde!»

Escrevia cartas semelhantes para casa. Parecia que, no fundo, não tinha mesmo nada para comunicar e que a sua correspondência era somente a consequência implacável de um horário no *college*, segundo o qual escrever aos entes queridos lá de casa era tão obrigatório como a esgrima e o remo.

– Só gostava de saber – disse o velho Bernheim no clube – quando é que os garotos têm tempo para aprender! Acerca da ciência ele não escreve nada de nada.

O fabricante Lang, que tinha «as melhores relações» com Inglaterra, não deixou dúvida nenhuma quanto ao método de ensino dos *colleges* e opinou, não sem mostrar uma temperada indignação:

– Os Ingleses lá saberão aquilo que têm de fazer! Olhe para os cavalheiros ingleses, por favor, eles sabem mais do que nós. Um espírito são num corpo são, está a ver, é esse o princípio.

– *Mens sana in corpore sano!* – exclamaram em seguida, apressadamente, quatro ou cinco cavalheiros de uma vez, e exclamaram numa tal confusão que só um conseguiu articular a citação até ao fim. O Senhor Lang, que lamentava não ter ele próprio formulado a sabedoria clássica na língua original, apressou-se a atirar as cartas para cima da mesa e a tornar a dizer, pela primeira vez desde vários anos:

– *Alea jacta est!*

Assim se comprovou que todos os cavalheiros de orientação anglo-saxónica eram esmerados humanistas.

E o tarô começou.

Talvez seja propício mencionar, aproveitando esta oportunidade, que a tal aventura amorosa do velho Senhor Bernheim, mal haviam decorrido umas semanas após o desaparecimento da artista, já se tinha desvanecido da memória das pessoas sem deixar rasto. O que era francamente um prodígio de esquecimento, se tivermos em conta o número ainda assim considerável de inimigos e invejosos de Felix Bernheim. Quase se teria podido concluir daí que as pessoas não gostam de que mesmo uma das suas autoridades mal-amadas corra o perigo de se ridicularizar. De facto, a história não tivera outras consequências duradouras além da transferência do genro e da mudança da filha. A Senhora Bernheim há muito tempo que residia outra vez no seu legítimo lar. Talvez ainda mantivesse no seu coração uma amargura contra o marido. Mas comportava-se «exemplarmente», como então se dizia a seu respeito, e nada revelava. Tinha um entendimento limitado, mas que funcionava muito bem dentro dos seus limites estreitos. No entanto, tinha muitas vezes tendência para o sobrestimar. Acontecia ela exprimir uma opinião sobre um ministro, sobre um poeta, sobre o Renascimento e a religião... e, acerca de tudo isso, da mesma maneira menospreziva com que estava habituada a falar do pessoal doméstico. Acontecia ela dizer um disparate com uma voz mimada, que certamente se teria achado simpática, e até encantadora, se ela fosse mais nova trinta anos. Sim, parecia que a sua boca bonita, vigorosa, tinha outrora deleitado durante tanto tempo o mundo inteiro com asneiras que ela se fora convencendo

pouco a pouco de que seria encantador imiscuir-se em tudo aquilo que não conhecia. Esquecia-se de que tinha passado a ser uma mulher velha. Esquecia-se tanto disso que, a despeito de os seus cabelos estarem a ficar grisalhos, e que ela começava a pintar suavemente, nos momentos em que proferia uma frase tola perpassava sobre as suas feições já flácidas um antigo esplendor de menina, como que suscitado pelo seu esquecimento, e, pelo espaço de um segundo, via-se pairar sobre o seu rosto a sombra querida da sua juventude. Mas a sombra desaparecia muito depressa e o som da tolice ressoava muito tempo na sala. A consternação dos ouvintes permanecia e ainda aumentava assim que o Senhor Bernheim fazia a vã tentativa de salvar a situação por meio de um gracejo de mau gosto.

Havia tantos anos que ele ia repetidamente parar ao mesmo embaraço! Só ele, entre todos os presentes, sabia como era assustadora a diferença entre a palavra ingénua, a que outrora os lábios florescentes da sua mulher haviam dado origem, e a mesma palavra ingénua agora saída dos seus lábios empalidecidos. Ele assustava-se e fazia um gracejo, tal como alguém dá um grito quando se assusta. A Senhora Bernheim, porém, ficava «indignada» em semelhantes ocasiões. Amuava, como em tempos, na sua juventude, poderia ter feito com tanto êxito e, em consequência disso, parecia ter envelhecido mais dez anos. De resto, ela julgava ter bom direito a sábias opiniões. Estava convencida de que a «cultura» – pela qual tinha tão grande apreço – era não só um privilégio das classes mais altas, mas também a sua herança, e que bastava ter um marido rico e um filho que possuía «uma biblioteca» para poder falar sobre temas cultos.

Ela tinha sido bonita em tempos, e tinham-na estragado com mimos. No seu rosto largo, correctamente talhado – tinha o mesmo cabelo e a mesma cor da pele que o seu filho Paul –, pairava uma calma inabalável, a calma fria e inacessível que fazia lembrar um portão fechado e não, porventura, a tranquilidade livre de uma terra solitária. O seu rosto não conhecia rugas devidas às preocupações, parecia até receber as rugas da idade como uma ofensa ou como hóspedes estranhos e indesejados. Os seus olhos reluzentes, cinzentos, coquetos tinham um olhar simultaneamente cativante e hostil. Ter-se-ia

podido tomá-lo por um olhar «de rainha» — e era como tal que ela própria o considerava —, se não revelasse tão claramente em que é que se exercitava: em cortinas, vestidos, anéis e colares, as chamadas «decorações», e nos objectos de uso doméstico. Sim, nos objectos de uso doméstico. Pois a Senhora Bernheim, além da ambição de habitar «principesicamente» e manifestar uma «aparência real», ainda almejava ser uma «mulher modesta». Quando, antes do Natal, aplicou bordados supérfluos em toalhas de mesa supérfluas para «surpreender» qualquer pessoa, estava convencida de que fazia um daqueles sacrifícios que confirmam a virtude da poupança. E proporcionava a si própria uma dor doce e agradável que quase lhe fazia tão bem como o choro.

— Vê lá, Felix — disse ela —, com certeza que a Senhora Lang não faz isto ela própria.

— Mas tu também não precisas de o fazer — replicou Felix.

— Então, quem o há-de fazer? Queres pagar uma fortuna por isto?

— Posso, simplesmente, renunciar a isso.

— Sim, e se não houvesse, fazias uma careta!

— Vai antes ver os botões do meu casaco de Inverno... Hoje caiu-me um.

— Dá-mo cá! — disse logo a Senhora Bernheim, satisfeita. — Na Lisi não se pode mesmo confiar! Tenho de ser eu a fazer tudo, tudo!

E com o sereno suspiro que faz o trabalho parecer mais difícil, o torna mais precioso e sossega a consciência da trabalhadora, a Senhora Bernheim começou a pregar o botão.

— O Paul escreveu-me — disse ela de repente — a dizer que tu lhe mandas muito pouco dinheiro!

— Eu sei o que faço!

— Sim, mas tu não conheces Oxford!

— Tu não a conheces melhor.

— Ah, sim? O meu primo Fritz não esteve na Sorbonne?

— Isso é uma coisa completamente diferente. E, sobretudo, não é nada de nada.

— Mas, Felix, por favor, não sejas grosseiro!

E Felix ficou a ponderar se tinha talvez sido grosseiro. Ficou calado. Por fim, já a Senhora Bernheim tinha esquecido tudo.

– Pronto. Agora, o botão está aqui eternamente! – disse ela, com a alegria de uma criança. E foram dormir.

De Theodor, o filho mais novo, raramente se falava. Como era mais parecido com o pai do que com a mãe – pelo menos, a Senhora Bernheim afirmava isso em todas as oportunidades – não era estimado em casa como «genial», ao contrário do seu irmão. Pois a Senhora Bernheim considerava o marido um homem de sorte. Não lhe reconhecia quaisquer conhecimentos nem a capacidade de os adquirir. Ela tinha pelos negócios e pelos comerciantes o menosprezo que muitas filhas de famílias burguesas, nos anos noventa, recebiam em simultâneo com a sua educação, com o enxoval, com a execução ao piano e a literatura. Segundo o ponto de vista da Senhora Bernheim, um funcionário público, por exemplo, encontrava-se acima de um banqueiro, um financeiro era incapaz de adquirir «cultura». Como o seu primo tinha sido advogado, o casamento dela, a seus olhos, permanecia para tempos eternos uma aliança desigual. Em anos mais juvenis, ainda tinha pensado em enganar o marido com um académico ou com um oficial, a fim de obter, através de relações sexuais com um homem socialmente mais digno, uma compensação para a sua dedicação a um vulgar banqueiro. Quando se ouvia como a Senhora Bernheim, que, naturalmente, tinha os seus «nervos», exclamava: «Mas, Felix!», como ela, quando o vento batia com uma janela ou com uma porta, lamentava «aquela casa barulhenta», ou, quando o marido fazia por acaso cair uma cadeira, ela lhe dizia: «Porta-te com mais cuidado!», podia-se reconhecer nessas expressões a incomensurável ofensa que o destino infligira à Senhora Bernheim.

E, não obstante, ela sabia com frequência dar ao marido um conselho surpreendentemente bom, antever perigos em negócios, pressentir más intenções em certas pessoas, nutrir uma clarividente desconfiança em relação a criados, contas e fornecedores, manter a ordem em casa, organizar viagens de Verão e incutir respeito em revisores, oficiais da marinha e pessoal dos hotéis. Possuía um instinto animal quanto à casa e à família; era a fonte da sua cautela, da sua esperteza e também da sua bondade, que, no entanto, encontrava o respectivo limite na densa rede de arame no jardim.

Após uma experiência traumática na Primeira Grande Guerra, Paul Bernheim regressa a Berlim e torna-se herdeiro do império bancário do seu falecido pai, alimentando a ilusão de poder satisfazer a sua ambição burguesa de sucesso e riqueza. Contudo, numa metrópole espelho de um país a braços com uma inflação galopante e uma crise política e moral sem precedentes, onde reina a «divina decadência», Bernheim vê-se confrontado não só com a ruína do negócio da família, mas também com a obsessão do seu irmão mais novo, Theodor, pelos camisas-pardas e os seus ideais nacionalistas extremados. Para salvar o destino da sua família, Paul recorre aos conselhos do influente e obscuro Nikolai Brandeis, um emigrante russo que se revelará um verdadeiro mestre na arte da manipulação.

Originalmente publicado em 1929, *Direita e Esquerda* reúne todos os elementos que fizeram de Joseph Roth um dos escritores fundamentais do período entre guerras. Um retrato burlesco e amargo dos anos agitados da República de Weimar: uma sociedade corrupta e mergulhada no caos, que assiste impassivelmente à ascensão do nazismo.

«Há um poema em cada página de Joseph Roth.»




Joseph Brodsky, Prémio Nobel de Literatura

«Os seus livros são de uma clarividência arrepiante,
são demolidores na sua simplicidade,
vibrantes no seu peso filosófico e moral.»

Los Angeles Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896236243



9 789896 236243 >